

O DICIONÁRIO DE FAVELAS MARIELLE FRANCO E A DESCOLONIZAÇÃO DO CONHECIMENTO¹

Sonia Fleury – Fiocruz-RJ

Clara Polycarpo – UERJ-RJ

Marcelo Fornazin – Fiocruz-RJ

Palloma Menezes – UFF-RJ

RESUMO

Historicamente, as favelas são consideradas pelos poderes públicos, setores da imprensa e camadas médias e altas da sociedade carioca a partir de definições a priori negativas. Tais definições ajudam a moldar políticas direcionadas a esses territórios e suas populações. Contudo, um conjunto variado de atores coletivos insiste em questionar tais formulações e a produção da violência que reproduzem.

Em uma iniciativa conjunta de acadêmicos e moradores de favelas, foi lançado o Dicionário de Favelas Marielle Franco, uma plataforma on-line com licença *creative commons*, visando reunir falas de moradores, lideranças e intelectuais, em uma construção coletiva que tem por objetivo incentivar uma ampla articulação do conhecimento produzido sobre as favelas, muitas vezes disperso e hierarquizado. O Dicionário busca a difusão de diferentes narrativas acerca destes territórios e suas populações, efetivando o direito à cidade como um direito de cidadania, fugindo da construção do “favelado” apenas como objeto de conhecimento, por parte dos intelectuais que almejam meramente falar pelo outro.

Utiliza uma tecnologia de ponta que inverte a lógica colonial pela qual a produção de conhecimentos se dá em circuitos inovadores centrais e depois é difundida para as periferias. Assim, inova na proposta de descolonizar a produção e a circulação do saber, estabelecendo uma condição de horizontalidade para romper as dicotomias produção acadêmica / saber popular; autoria individual / produção coletiva; impessoalidade científica / experiência vivida.

Neste trabalho, buscamos problematizar e refletir sobre como foram se dando os encontros e desencontros entre saberes de acadêmicos, ativistas e moradores de favelas, nessa plataforma digital que já conta com 405 verbetes e 285 pessoas registradas, identificando uma trajetória que busca superar tensões e incorporar outras linguagens e registros capazes de comportar as produções e memórias das favelas.

Palavras-chave: favelas; antropologia urbana; estudos decoloniais.

Introdução

O Dicionário de Favelas Marielle Franco www.wikifavelas.com.br nasce de vários encontros nos quais ficaram evidentes os múltiplos desencontros que, como parte da reprodução das relações sociais e da economia das trocas simbólicas, são socialmente impostos à produção de conhecimentos e às práticas políticas. Fundamentalmente, trata-

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

se do encontro/desencontro entre pesquisadores que estudam diferentes aspectos da temática urbana e militam em prol dos direitos humanos e sociais da cidadania, e as lideranças das favelas que reivindicam o seu lugar de sujeito na produção de conhecimentos e de práticas emancipadoras. Em um misto de denúncia acerca da objetificação e subalternização a que sempre foram submetidos pelos acadêmicos e a afirmação de suas potências e saberes, foram se construindo relações de confiança que embasaram alianças e coalizões, sem ignorar as clivagens sociais persistentes.

A fragmentação imperante na produção acadêmica fraciona o conhecimento em múltiplas áreas disciplinares que impossibilitam maior compreensão de fenômenos sociais complexos como a realidade das favelas, estudada desde perspectivas como a urbana, histórica, antropológica, sociológica, de políticas públicas, econômica, linguística etc. Por outro lado, a hierarquização dos saberes constrói uma pirâmide na qual as experiências vividas, os saberes populares, as práticas sociais e até mesmo a produção acadêmica oriunda de centros culturais das favelas se encontram hierarquicamente inferiorizados em função das limitações à sua circulação e difusão em ambientes intelectualmente reconhecidos.

A difusão das tecnologias de informação tem levado à situação contraditória de, por um lado, democratizar o acesso e permitir a produção individual de audiovisuais até mesmo como forma de denúncia, e, por outro lado, aumentar o abismo tecnológico intergeracional e interclasses, já que tais tecnologias circulam no mercado com vistas à lucratividade, tendo sido escassamente providas ou reguladas pelo poder público. A última política pública voltada para os territórios e populações faveladas, as UPP- Unidades de Polícia Pacificadora, terminou sendo um processo de militarização (FLEURY, 2012) onde a tecnologia foi usada pela polícia para o controle social e pelos moradores para denúncia das arbitrariedades dos policiais.

Paradoxalmente, a ocupação militar das favelas gerou espaços de circulação de pessoas e discursos, permitindo novos encontros entre diferentes militâncias e o reconhecimento da existência de insurgências que se manifestavam em uma miríade de coletivos e organizações locais, que levantavam a bandeira dos direitos de cidadania e não aceitavam o lugar que a sociedade lhes destinara.

Foi o reconhecimento desse processo de subjetivação, de existência de um sujeito que enuncia seu discurso, que levou a pensar na necessidade de criar um instrumento o qual, apesar de todos os desencontros acima mencionados, permitisse que diferentes discursos se encontrassem e confrontassem em um espaço virtual, coletivo, comum. Sem

pretensões a superar as clivagens, mas como um espaço no qual diferentes sujeitos pudessem exercer sua capacidade de expressão. Assim, surge o Dicionário de Favelas.

Nesse artigo procuramos explicitar os fundamentos teórico-filosóficos que orientaram a construção do Dicionário de Favelas Marielle Franco, ainda que tal identificação só tenha sido possível a *posteriori*, já que ela se deu no processo de produção coletiva que é, por natureza, inacabado. No esforço de nomear tais fundamentos foi necessário para confrontá-los com a prática, o que nos permitiu identificar diferentes etapas nesse processo de construção.

Na primeira seção explicitamos os pressupostos que nortearam o projeto do Dicionário de Favelas e como se deu sua materialização em uma plataforma wiki. Em seguida, tratamos da primeira etapa deste processo, a implantação do Dicionário, na qual os pressupostos foram confrontados com as dificuldades encontradas na prática, com todas as transversalidades e tensionamentos impostos pela realidade social, explicitados na seção na qual são considerados os desafios, avanços, paradoxos e contradições enfrentados. A segunda seção trata como o enfrentamento destas tensões estimulou a busca de alternativas, o que configurou uma segunda etapa, voltada para a mobilização, produção e difusão de conhecimentos. Buscou-se encontrar as formas de expressão dos coletivos das favelas na internet, o que exigiu mudar a tecnologia da plataforma, de forma a incorporar, além do texto escrito, imagens e vídeos, músicas e poesias, aproximando o Dicionário da tradição oral que predomina nas favelas. Ao mesmo tempo, permanecia e se fortaleceu o poder da equipe de pesquisadores do Dicionário na busca ativa das produções das favelas. A terceira etapa se encontra na seção dedicada ao Coronavírus nas Favelas, na qual se detalha como o Dicionário é tomado pela pandemia e pelas demandas dos atores das favelas, invertendo o processo de criação de demandas por parte da equipe de pesquisadores, que passaram a interagir de forma a organizar o material que foi enviado pelos produtores das favelas. Nesta fase que ainda está em curso, o Dicionário de Favelas ultrapassa a plataforma e passa a ter uma intervenção e incidência políticas por meio de *lives* onde lideranças das favelas falam de como estão enfrentando a pandemia e da divulgação do que estava se passando no cotidiano dos moradores. Isto requereu um maior investimento na área de comunicação e divulgação e na produção de dados, mapas e cartografias. Novas alianças, coalizões e articulações surgiram, e na seção final, das conclusões, refletimos sobre o conteúdo políticos desse processo e acerca de sua sustentabilidade.

1. A construção do Dicionário como plataforma wiki

a) Fundamentos teórico-filosóficos

Desde meados do século XX, discussões sobre a temática das favelas, como um campo de estudos específico, estão presentes em contribuições das áreas de Ciências Sociais ao Urbanismo, por exemplo. Mesmo campo de estudos hoje legitimado, os conhecimentos produzidos por essas e outras áreas, ademais, os conhecimentos produzidos pelas próprias favelas e seus moradores(as), ou estão fragmentados nas mais diversas disciplinas ou, no último caso, são desconhecidos. A dispersão dos conhecimentos sobre as favelas e sua fragmentação em inúmeros campos disciplinares serviram de estímulo inicial para pensar um projeto, idealizado por Sonia Fleury ainda em 2014, capaz de agregar não somente a produção acadêmica, cujas teses e monografias raramente voltam para os moradores que foram entrevistados nas favelas, mas outras formas de conhecimentos produzidos pelos próprios moradores(as) desses territórios. No prefácio ao livro de Fanon (1961) “*Os condenados da terra*”, Sartre (1961, p. 5) fala sobre a colonização afirmando que “*os primeiros dispunham do verbo, os outros tomavam-no por empréstimo*”. O objetivo do projeto que passou a se chamar Dicionário de Favelas Marielle Franco – um tributo à vereadora do Município do Rio de Janeiro barbaramente assassinada em 2018 – foi, desde então, buscar um espaço plural e horizontal, onde diferentes produtores de saberes sobre as favelas pudessem fazer uso do verbo. Buscaram calar Marielle que representava a esperança de novas práticas políticas que permitissem a representação de mulheres negras, faveladas e LGBTQI+, por isso, valorizar essas vozes é também manter o seu legado.

Tomar a proposta de descolonização² do conhecimento sobre as favelas orienta-se pela busca de rompimento com o mundo compartimentado, rompendo as linhas divisórias estabelecidas como marcas territoriais da dominação (FANON, 1961). A demarcação asfalto/favela, por exemplo, implica em uma permanente estratégia de exercício de poder definida por Foucault como *governamentalidade* (2008, p. 143):

“Por essa palavra, governamentalidade, entendo o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e

² Neste artigo, optamos por considerar ambos os conceitos de "descolonização" e "decolonização" tanto para representar o processo histórico de superação do colonialismo, em seu sentido clássico, quanto para implicar um posicionamento pela transgressão à colonialidade do saber e do poder, que se mantém mesmo pós-colonização. Para mais deste debate consultar Ballestrin (2013).

as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança.”

O Dicionário de Favelas Marielle Franco trata, portanto, da criação de um espaço virtual que não seja demarcado pelas linhas divisórias asfalto/favela, às quais estão associadas outras polarizações como ordem/desordem, legal/ilegal, branco/negro, incluídos/excluídos. Ou seja, a substituição da construção do outro como compartimentação em direção a uma ética da pluralidade e alteridade.

Além da dimensão territorial que materializa e reproduz as relações de poder, a colonialidade é vista por Quijano como originária das Américas, onde se associou a ideia de raça com as formas de controle e exploração do trabalho em uma “*supostamente distinta estrutura biológica que situava a uns em situação natural de inferioridade em relação a outros ... Esse elemento fundacional da exploração colonial permitia impor uma divisão racial do trabalho*” (QUIJANO, 2005, p. 118). Portanto, o Dicionário de Favelas tem como eixo central a discussão da questão racial, entendendo, como propunha Guerreiro Ramos, que a sociologia brasileira só deixará de ser colonizada quando se conectar com sua realidade, assumindo o devir negro como questão central de investigação (QUEIROZ, 2020). Mbembe (2014, p. 197) explica que a raça é uma moeda icônica, que aparece por ocasião de um comércio dos olhares:

“É uma moeda cuja função é converter o que se vê (ou o que prefere não ver) em uma espécie ou um símbolo no interior de uma economia geral dos signos e das imagens que se trocam, que circulam, às quais se atribui ou não valor e que autorizam uma série de juízos e de atitudes práticas”

Assim, toma-se como uma perspectiva descolonizadora o tornar visível o que é ocultado, como o racismo estrutural da sociedade brasileira, ao propor a validação de um conhecimento baseado em relações sociais que são escamoteadas pela epistemologia dominante (SANTOS e MENESES, 2009, p. 10). Para explicar a persistência da desigualdade no capitalismo brasileiro, território da *colonialidade*, Lélia Gonzalez acredita que, além da exploração econômica, seja preciso conjugar racismo e sexismo: “*o gênero e a etnicidade são manipulados de tal modo que [...] os mais baixos níveis de*

participação na força de trabalho, coincidentemente, pertencem exatamente às mulheres e à população negra” (GONZALES apud ARAÚJO, 2020).

A proposição de que não se pode descolonizar sem despatriarcalizar (GALINDO, 2013) parte da constatação de que as relações na colonização, persistentes no período neocolonial, estiveram fundadas no patriarcalismo, portanto, as lutas identitárias devem superar sua fragmentação para provocar transformações. A naturalização da dominação por meio da divisão sexual é parte de uma violência simbólica que se materializa nos corpos e *habitus*. Bourdieu (2012, p. 12) vê o sexismo como um essencialismo como outros, só que mais arraigado e mais difícil de mudar:

“El sexismo es un esencialismo: al igual que el racismo, étnico o clasista, busca atribuir diferencias sociales históricamente construidas a una naturaleza biológica que funciona como una esencia de donde se deducen de modo implacable todos los actos de la existencia. De todas las formas de esencialismo es la más difícil de desarraigar”.

Assim construímos o arcabouço teórico que fundamenta a práxis da elaboração e implementação do Dicionário de Favelas Marielle Franco. No entanto, a mera colocação de um instrumento que permita a divulgação de discursos de favelados, mulheres e negros, não seria capaz de provocar um processo de transformação na própria subjetividade dessas populações. Ou seja, o sujeito antecede o verbo, o sujeito preexiste ao discurso, ainda que se constitua nas práticas e lutas, materiais e simbólicas.

“A constituição do sujeito deve ser vista dentro dessa perspectiva de uma ação que afirma sua liberdade e consciência, dentro de um enquadramento que não foi por ele escolhido. É no interior dessa tensão entre determinação social e afirmação da liberdade individual e grupal que buscamos encontrar o lugar da constituição dos sujeitos” (FLEURY, 2009).

Portanto, a criação e a viabilidade da implementação do Dicionário de Favelas podem ser entendidas como parte de um processo mais geral, que pudemos observar e compartilhar nas pesquisas em favelas e na literatura recente, denominado por Dandrea (2013) como a emergência do sujeito periférico. Trata-se da afirmação e positivação da identidade da juventude de favelas e periferias, construída em torno da polarização entre

carências e potências, lugar desde o qual, através de manifestações culturais e estéticas, problematizam questões de classe, raça e gênero. Tais questões aparecem sob diferentes formas tais como letras de música e dança, e uma estética própria (hip-hop e funk, poesia e dança), como nas batalhas de *slams* e do passinho, dentre outras.

A emergência de uma cidadania insurgente em favelas e periferias é atribuída por Holston (2013) à existência de disjunções nas democracias que não alcançam garantir o conjunto dos direitos de cidadania a todos os seus moradores, em especial os que vivem nas margens das cidades. As múltiplas formas polissêmicas de manifestação dessa subjetividade mostram que pode estar em curso um processo de desalienação, que permite a reconciliação entre o eu e o sujeito (MBEMBE, 2018, p. 187), condição para a construção da memória. No entanto, ainda é cedo para saber em que medida as relações de subordinação estão sendo transformadas em relações de opressão, aumentando os conflitos agônicos, como propõem Laclau e Mouffe (1987). As condições de produção da memória e de fala do subalterno (SPIVAK, 2014) passariam, necessariamente por esse processo, sendo o Dicionário de Favelas uma tecnologia social disponível para sua apropriação.

b) Organização e construção

O Dicionário de Favelas Marielle Franco³ foi oficialmente disponibilizado ao público para colaboração em abril de 2019, através de um evento de lançamento realizado na Biblioteca da Fundação Oswaldo Cruz no Campus da instituição em Manguinhos, Rio de Janeiro. Sua realização reuniu um grupo de pesquisadores(as) e lideranças sociais para discutir as possibilidades abertas por uma rede que procura agrupar e compartilhar o conhecimento produzido sobre e pelas favelas, por meio de colaboração mediada por tecnologias digitais.

Em termos tecnológicos, o Dicionário de Favelas se organiza com base em uma plataforma digital wiki, acessível pelo site www.wikifavelas.com.br, que define as regras de acesso, colaboração e indexação de seu conteúdo, entre outras coisas. A Wikipedia, inspiração tecnológica para o Dicionário, é vista no senso comum como uma enciclopédia

³ O projeto do Dicionário Carioca de Favelas, foi inicialmente criado na EBAPE/FGV com fundos próprios e com apoio do CNPQ. Em 2019, o Dicionário de Favelas migrou para o ICICT/FIOCRUZ. Em homenagem à vereadora e apoiadora do projeto, Marielle Franco, brutalmente assassinada, passou a levar o nome Dicionário de Favelas Marielle Franco, extrapolando assim os limites territoriais inicialmente definidos.

livre e colaborativa, onde qualquer pessoa pode realizar contribuições. Contudo, Esteves e Cukierman (2012) explicam que “*a voz dos diferentes atores tem peso distinto, mas o critério que rege a hierarquia é próprio desse fórum*”; isto é, a edição irrestrita de artigos pode ser regulamentada por tipos de autorização. Considerando as limitações advindas das regras da Wikipedia, optou-se por criar uma wiki própria para o Dicionário de Favelas Marielle Franco, a WikiFavelas.

O Dicionário de Favelas adota uma estratégia emergente para sua construção na qual as contribuições iniciais exigem um esforço a fim de se engajar usuários e se criar uma comunidade. Diferentemente da Wikipedia, cujos textos de múltiplos autores são apresentados como consensuais, o Dicionário se caracteriza pela pluralidade de pontos de vista, com texto autorais e identificação de polêmicas e divergências. A pluralidade assegura a manifestação de diferentes perspectivas de maneira respeitosa, cabendo aos leitores formarem opinião sobre as questões controversas. Já o uso de fontes primárias, a partir de entrevistas, relatos e outras pesquisas ou contações de histórias, valoriza a tradição oral das memórias das favelas que não precisam ser publicadas em outras obras bibliográficas antes de serem citadas no Dicionário. Essas opções, politicamente justificáveis, representaram, no entanto, enormes desafios para a equipe de tecnologia de informação, pois requeriam soluções originais.

A constituição de uma equipe multidisciplinar de pesquisadores foi realizada tendo um grupo especializado em tecnologia da informação responsável pela plataforma WikiFavelas, e outro grupo de cientistas sociais responsáveis pelos verbetes, definidos como manifestações autorais sobre as favelas. A especialização em áreas normalmente tão distanciadas teve que ser superada em busca de uma linguagem comum, por meio de muitas oficinas e reuniões que foram aplainando as diferenças que se constituíam como obstáculos ao processo de trabalho⁴.

A autoria e a preservação do conteúdo foram outros assuntos que emergiram nas reuniões de concepção do Dicionário de Favelas. Acadêmicos estão acostumados a ter o reconhecimento da autoria e valorizam esse registro. As lideranças sociais por sua vez manifestaram preocupação com a preservação e a proteção dos acervos e da memória das favelas. Assim, foi necessário ouvir, analisar as considerações e pensar em propostas para

⁴ Como estratégia para atender aos princípios e objetivos do Dicionário, para além da criação da wiki própria, foi proposto um Conselho Editorial, composto por acadêmicos universitários e de centros culturais das favelas que estabeleceram as concepções e princípios centrais do projeto, que passaram a integrar o Conselho Editorial. Hoje o Conselho Editoria conta com representantes de sete instituições, a saber: Fiocruz, ICICT, Instituto Raízes em Movimento, CEACC, UERJ, IPPUR/UFRJ e Grupo ECO.

atender às demandas e produzir engajamento para a colaboração dos mais diversos atores. A partir dessa escuta foram propostos arranjos técnicos e organizacionais que contemplassem os diferentes interesses e fomentassem o trabalho coletivo.

Em relação à autoria, por exemplo, o Dicionário de Favelas baseia-se na licença de conteúdo livre *creative commons* e assim não estabelece direito autoral individual. Entende-se que um verbete é uma construção coletiva e que não pode ser reduzido a um único autor. Contudo, o Conselho Editorial estabeleceu que os autores que iniciaram um verbete seriam mencionados como “autor original” no cabeçalho do texto, mas, foram propostas formas de colaboração na modalidade de complementação do verbete nas quais outro colaborador adiciona novas seções ao verbete, e também pode abrir uma discussão, por meio da qual colaboradores que diverjam do conteúdo possam apresentar seus questionamentos e considerações.

A memória se tornou um assunto presente em diversas reuniões de concepção do Dicionário, principalmente a partir das sugestões das lideranças das favelas. Estas argumentavam que muito do conhecimento sobre as favelas estava espalhado entre seus moradores(as) e movimentos sociais, cada um com um fragmento da história desses territórios. Com isso, foram feitas conjuntamente várias propostas, como a construção de uma Biblioteca das Favelas que teria por objetivo reunir conhecimento e memória sobre as favelas em seu formato original de produção; a formação de pessoas que já se dedicam à coleta e catalogação na construção de acervos próprios nas favelas dentre outros. Tais propostas foram decorrentes da interação dos pesquisadores da equipe do Dicionário com diferentes núcleos e centros culturais nas favelas e ainda buscam ser viabilizadas pois mostram a importância que está sendo dada pelos centros culturais das favelas em relação à preservação da memória e produção de conhecimentos.

As grandes questões enfrentadas nessa primeira fase foram relativas ao paradoxo de propor uma nova epistemologia que contemplasse os conhecimentos produzidos tanto por pesquisadores(as) quanto por moradores(as) de favelas, por meio de um instrumento tecnológico que não é isento em relação à validação dos conhecimentos produzidos. Ou seja, foram feitos grandes esforços para mobilizar possíveis colaboradores nas favelas, que se entusiasmavam com a proposta, mas que tiveram dificuldades para produzir textos dentro das regras estabelecidas e inseri-los na plataforma do WikiFavelas.

A própria localização institucional inicial na EBAPE/FGV, uma escola cada vez mais voltada para *business* e distanciada da temática de favelas, tornava constrangedor a participação dos membros do Conselho Editorial naquele estabelecimento, onde a

arquitetura, a segurança e a estética traduziam um projeto educacional elitista. Enfim, ao propor uma produção colaborativa, plural e horizontal, em um contexto institucional e tecnológico que é altamente hierarquizado gerou-se um grande desconforto. Os representantes das favelas no Conselho Editorial passaram a exigir que as reuniões fossem realizadas nas próprias favelas, o que levou membros da equipe a apresentar o projeto em várias reuniões com moradores em diferentes centros culturais nas favelas. Posteriormente a mudança da sede do projeto para a FIOCRUZ-RJ, localizada próxima às favelas de Maré, Alemão, Mangueiras e Jacarezinho, amenizou parcialmente esse problema, já que esta instituição tem vários trabalhos em colaboração com favelas vizinhas. No entanto, mesmo com a realização de oficinas para apresentação da plataforma em diversas favelas e a horizontalidade proposta teoricamente, as relações entre a equipe de pesquisadores(as) e os moradores permanecia hierarquizada e tutorial, além de exigir o domínio da escritura e da tecnologia de informação de uma plataforma cujas regras haviam sido definidas previamente.

A mobilização de colaboradores(as) na primeira parte do projeto se deu principalmente por meio de convites feitos pelos grupos de trabalho, além de reuniões em favelas e oficinas para que possíveis colaboradores aprendessem a manusear e se apropriar dos instrumentos da plataforma. Acadêmicos, moradores de favelas, ativistas e gestores públicos foram convidados a escreverem ementas de verbete; isto é, um resumo de até 400 palavras com uma proposta de verbete. A partir da ementa, esperava-se que os verbetes fossem ampliados até chegarem ao número máximo de 4.000 palavras. No período de 2017 e 2018 foram convidadas 386 pessoas, de diferentes inserções sociais, para proporem verbetes relacionados a seus assuntos de interesse. Uma parcela dos convidados respondeu aos convites e assim em abril de 2019, quando o Dicionário de Favelas foi lançado em evento na Biblioteca da Fiocruz, a plataforma já continha 178 verbetes, sobre temas variados, dentro do escopo da proposta.

Apesar do êxito alcançado, ficava claro que a dinâmica de mobilização de colaboradores era ainda limitada a nossas redes de contatos e de interesses, por isso, também assumidamente tendenciosa, o que mostra que, infelizmente, a equipe do Dicionário de Favelas não havia conseguido uma adesão exponencial de colaboradores(as), nem nas favelas nem nas universidades. A seleção de algumas favelas com relações mais estreitas e que poderiam ser apoiadas na elaboração dos verbetes mostrou-se, em alguns casos, pouco efetiva, além das limitações dessa estratégia dadas pela escassez de recursos e de pessoal.

No entanto, foi possível inserir no Dicionário uma lista de verbetes significativa, tanto como parte da produção acadêmica quanto da experiência vivida – neste último caso, por exemplo, destaca-se o rol de Chacinas que passaram a contar a história das perdas de vidas, em geral de jovens negros vitimados pela truculência policial. A organização dos familiares de vítimas de chacinas e a necessidade de vocalizar, denunciar e manter vivo o acontecimento através de atos, palavras, signos e imagens “*é também uma forma radical de manifestá-lo, como numa epifania*” (Mbembe, 2019:217).

Surgido como Dicionário Carioca de Favelas, ou seja, com pretensão restrita às favelas do município do Rio de Janeiro, enfrenta agora o desafio de nacionalizar-se. Com o assassinato da vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco, uma das autoras e entusiastas do projeto, foi proposta a alteração do nome para homenagear e afirmar nossos compromissos em não deixar que suas lutas pelas favelas, pelas causas raciais e de gênero fossem esquecidas. A discussão sobre essa mudança no Conselho Editorial mostrou também aspectos importantes da diferenciação entre seus componentes, já que a realidade de assassinatos constantes em favelas colocou a questão sobre se tal homenagem pudesse ser parte de um processo de consumo da figura icônica da vereadora. Ao final decidiu-se pela alteração do nome, o que colocou um outro problema maior, que seria a nacionalização do projeto quando ainda enfrentava os dilemas relativos à dinâmica limitada de produção dos verbetes.

2. A mobilização para produção e difusão de conhecimentos

A plataforma WikiFavelas se propõe a quebrar paradigmas de produção do conhecimento, valorizando a pluralidade de construção de saberes em um formato livre, interdisciplinar e aberto a qualquer público, que possam representar os mais diversos aspectos da história e da memória de atores com diferentes inserções sociais nas favelas e periferias do Brasil e do mundo. Porém, o rompimento com as hierarquias de produção do conhecimento encontra algumas barreiras, mesmo a partir deste tipo de proposta sejam elas as dificuldades técnicas anteriormente apontadas ou barreiras que, muitas vezes, se referem à dificuldade de falar dentro do regime repressivo do colonialismo e do racismo (KILOMBA, 2019). Quem vai, realmente, compartilhar suas memórias em uma plataforma aberta? Quem vai, por outro lado, considerar esses saberes enquanto saberes legítimos? De certo, o questionamento de Spivak (2014) deve ser retomado: pode o(a) subalterno(a) falar? Ademais, pode outro alguém falar pelo(a) subalterno(a)? Como

possibilitar um espaço que não reproduza as violências narrativas, epistemológicas e simbólicas que determinam às instituições e à ciência moderna um caráter de superioridade? Estes são desafios que, diante de uma disputa política e epistemológica, o Dicionário de Favelas também tem de enfrentar.

A produção e a reprodução do conhecimento estão enquadradas em contextos culturais e políticos. Nos dias atuais, o intercâmbio de saberes e experiências é vivenciado em diferentes áreas do conhecimento, abrindo horizontes de possibilidade de acesso a uma pluralidade de culturas e suas contribuições. Infelizmente, porém, a *colonialidade* do saber e do poder transcende as particularidades do colonialismo histórico e não desaparece com a descolonização. O “*epistemicídio*”, por exemplo, é um fenômeno que ocorre cotidianamente através do rebaixamento da autoestima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano de jovens negros e periféricos, tanto nas escolas quanto nas instituições de pesquisa, e se articula à negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade (CARNEIRO, 2005). Esta é a realidade de uma parte significativa, se não majoritária, dos moradores e moradoras de favelas e periferias de todo o Brasil que, sujeitos dessa diáspora, não se apropriaram de suas próprias histórias e não puderam compartilhá-las, sendo silenciados(as).

Por isso, o Dicionário de Favelas parte de uma perspectiva decolonial, como forma de problematizar o conhecimento tido até então enquanto científico – centralizado nas universidades e instituições – e as próprias memórias, que, muitas vezes, retiram do campo da ação os sujeitos a elas implicados para objetificá-los por meio de outras versões (externas). A própria produção da cidade/do urbano, fruto dos tantos saberes e poderes oriundos das práticas modernas, é também negligenciada, quando se negligencia o conhecimento dos(as) subalternos(as) e favelados(as). O direito à memória e o direito à cidade são princípios fundamentais a serem também conquistados por meio da valorização da epistemologia das favelas e periferias. Para além de um resgate às epistemologias do sul, colônia europeia ontem e periferia do capitalismo hoje, um resgate às epistemologias das periferias das cidades modernas é parte da luta por cidadania.

Desde o lançamento do Dicionário de Favelas Marielle Franco, na Fiocruz, em 2019, instrumentos de mobilização de sujeitos para apropriação da ferramenta para compartilhamento de seus conhecimentos foram construídos. A princípio, por meio da definição de eixos principais de discussão sobre a realidade das favelas e periferias,

elencados em pesquisas realizadas anteriormente por redes de pesquisadores e intelectuais de favelas, alguns convites foram realizados para que atores pudessem produzir conhecimento sobre suas próprias realidades. A dinâmica para produção desses conteúdos – os quais chamamos de “verbetes” – era pautada na indicação de um nome que, de forma reconhecida entre os pares, tratasse sobre determinado tema; ou na realização de oficinas nos diferentes territórios de favelas e periferias do Rio de Janeiro para, de forma coletiva, serem decididos quais aspectos daquela realidade seriam tratados e produzidos, em forma de texto.

Os primeiros convites foram direcionados a pesquisadores(as) das áreas de ciências sociais que estudam favelas e a representantes de determinados territórios de favelas, cujo trabalho se estruturou por meio de Grupos de Trabalho dedicados aos eixos temáticos de políticas públicas e relações de troca, sociabilidade e cultura, associativismo e memória. Neste último GT, participaram os territórios e centros culturais que possuem representação no Dicionário de Favelas desde a formulação do próprio projeto e que dariam início à produção de verbetes, como o Complexo do Alemão, a favela Santa Marta, a Cidade de Deus e o Complexo da Maré, no Rio de Janeiro. Em seguida o Dicionário de Favelas estendeu suas parcerias para outros territórios, convidando coordenadores e autores para a produção de verbetes nas favelas da Rocinha, do Borel, de Manguinhos e de Acari, por exemplo, também no Rio de Janeiro, além de pesquisadores(as) e intelectuais de outras regiões do país. A organização em GT, mostrou-se útil para criar uma forma de debate coletivo, sobre escolhas e regras, ainda que as temáticas sejam, muitas vezes, transversais à divisão dos grupos.

Por meio de coordenadores em cada um dos territórios representados, os temas prioritários eram, assim, definidos, junto à escolha dos(as) autores(as), individuais ou coletivos. Dessa forma, designava-se ao menos dez (10) verbetes a serem produzidos por cada grupo, sob as orientações dos coordenadores e da equipe do Dicionário, em uma articulação por via centralizada ou não. A coordenação tinha total liberdade para gerenciar a produção de verbetes: se por meio de designações individuais ou se por meio da produção enquanto coletivos. Assim, estabelecia-se um prazo para retorno do verbete completo, que poderia ser produzido também em oficinas de escrita proporcionadas pelo Dicionário de Favelas.

Apesar da relação entre a equipe de pesquisadores(as) do Dicionário e os coordenadores dos territórios ter sido construída anteriormente ao projeto, gerando um nível de confiança importante para o trabalho, essa diferenciação de funções – equipe do

projeto e coordenadores das favelas – esteve sempre presente como um tensionamento crítico inevitável acerca das relações de poder e as hierarquias latentes. As reuniões entre os representantes das favelas previamente aos encontros do GT e às plenárias indicavam a necessidade de manterem-se unidos em um ambiente que os diferenciava e, como questionado algumas vezes, os subalternizava. A presença cada vez maior de membros da equipe do Dicionário em eventos promovidos nas favelas parceiras foi um caminho natural para que o conhecimento se fizesse em mão dupla, com o respeito às singularidades próprias a cada contexto.

Neste primeiro momento, foi possível perceber que o próprio formato proposto já excluía muitas narrativas. O texto, modelo base para a legitimação de um conhecimento científico pela academia, não era a única, nem principal forma desses atores contarem suas histórias e produzirem seus conhecimentos. A oralidade, por exemplo, é característica da contação de histórias de homens e mulheres negros e negras das favelas, herança cultural dos “*griot*” africanos e de sua tradição. Além disso, as barreiras inferidas pelo *epistemicídio* em curso há séculos tornaram o próprio processo de escrita dificultoso para muitos moradores(as) de periferias e favelas, que, há séculos, são oprimidos pelo silenciamento. Diante dessa realidade, o Dicionário de Favelas ampliou seu escopo de manifestações e linguagens, abrindo espaço para que poemas, fotografias, entrevistas e vídeos também sejam produzidos e compartilhados através da plataforma.

Através da ampliação das formas de manifestação de saberes e de memórias, o próprio escopo do Dicionário de Favelas também foi sendo ampliado. A ideia, por exemplo, de verbetes produzidos de maneira original para a plataforma foi sendo substituída pelo resgate a outros conteúdos até então não divulgados de forma aberta, como pesquisas, documentos, imagens e artigos, fazendo com que a plataforma também seja reconhecida pelos moradores(as) e pesquisadores(as) como um instrumento de coleta e reposição de conhecimentos sobre os diferentes territórios e seus atores. A equipe do Dicionário de Favelas passou a se dedicar, por exemplo, ao levantamento de materiais e dados de fontes secundárias, em contato com outras mídias, instituições e banco de dados, como a própria Wikipedia; plataformas institucionais, como o Instituto Pereira Passos; ou, até mesmo, blogs já reconhecidos por seus trabalhos sobre esta temática, como o RioOnWatch. Essa atuação abriu a possibilidade de novas parcerias, atendendo também à proposta de compartilhamento e diálogo de saberes provenientes das mais distintas realidades sociais, e garantindo ao Dicionário de Favelas a pluralidade do conhecimento.

Por meio do reconhecimento desse espaço plural, o Dicionário de Favelas tem se tornado uma oportunidade de articulação de coletivos e grupos que, há décadas, vêm construindo mobilização comunitária em seus territórios. Como forma de dar visibilidade aos diferentes atores, o Dicionário de Favelas também abre espaço para que coletivos, organizações e movimentos sociais se apresentem e se expressem. A partir de um convite aberto para compartilhamento de suas narrativas, manifestos, filmes e diferentes discursos, as ideias e os conhecimentos produzidos por esses grupos possibilitam a construção de novos diálogos e novas redes. Dessa forma, no campo político, a plataforma se propõe a ser um instrumento à disposição da comunidade para suas diferentes formas de expressão e manifestação. Porém, mesmo que tão plural, em que medida ela realmente disputa o espaço da narrativa hegemônica sobre os favelados e a favela? Como aponta Santos (2009), a ecologia dos saberes assim proposta baseia-se na ideia de que o conhecimento é interconhecimento, em co-presença e incompletude. Por isso, confrontar os modelos de produção do conhecimento coloniais é confrontar também os poderes e contribuir para a decolonização e valorização dos saberes subalternos e periféricos, colocando em diálogo as constelações de saberes advindos das mais diferentes experiências sociais, sem hierarquias ou discriminações.

Este diálogo, por exemplo, se amplia com a chegada dos “ex-objetos” ao mundo da pesquisa acadêmica (GOMES, 2009). A dinâmica social e racial da sociedade brasileira e da academia – principal instituição responsável pela produção e sociabilização do conhecimento científico tido como legítimo – considerou por muito anos negros(as) e favelados(as) apenas como objetos de pesquisas científicas. As políticas de ação afirmativa implementadas na última década, por sua vez, abriram um novo campo de tensão epistemológica e política com a passagem do negro e favelado do lugar não-hegemônico para o contra-hegemônico, disputando não só os espaços como também a própria ciência. Nestes espaços, em que os(as) subalternos(as) tinham sua palavra silenciada, porém não de forma passiva, os intelectuais pós-coloniais, incluindo os(as) próprios subalternos(as), propõem viabilizar as perspectivas de grupos oprimidos (KILOMBA, 2019). Dessa forma, a partir de suas próprias experiências e subjetividades, novos pesquisadores(as) reconfiguram os discursos hegemônicos sobre si mesmos, sobre a história e sobre quaisquer outros aspectos da realidade cotidiana. Ademais, o lugar da mulher negra na ciência e na política é também disputado na plataforma, por, inclusive, carregar em seu próprio nome o legado da vereadora Marielle Franco, mulher, negra, favelada, LGBTQIA+ e socióloga.

Com o objetivo de uma aproximação cada vez maior dessas experiências dos moradores(as) de favelas e periferias na produção e resgate de suas epistemologias, bem como de professores(as) e pesquisadores(as) capazes de produzir e repercutir os conhecimentos compartilhados, o Dicionário de Favelas tem se dedicado à interação nas redes sociais. O espaço da internet, onde está a própria plataforma e as redes, é também um espaço de disputa constante, tanto por meio das mídias comerciais quanto por meio da repercussão de discursos de ódio amplificados pela atual crise democrática. É importante ressaltar que, mesmo que aberta, a internet também não é de acesso igualitário para todos(as), tendo distribuição inconstante nas favelas e periferias. Pudemos perceber, por exemplo, que a grande maioria dos usuários que nos acessam até o momento o fazem por meio de aparelhos de celular. Porém, pelas restrições impostas pela pandemia do novo coronavírus no Brasil, em 2020, o espaço das redes passou a ser o único espaço possível de interação – e de amplificação do próprio alcance do Dicionário de Favelas. Com foco no discurso e na comunicação, a mobilização para construção coletiva da plataforma avançou nas redes sociais, trazendo novas linguagens para atingir os diferentes públicos e seus interesses. Na definição do plano editorial da WikiFavelas três principais perfis de interesse estão centrados na comunicação, sendo eles, é claro, o alcance aos moradores e, principalmente, às moradoras de favelas e periferias; aos coletivos em atuação e articulação em diferentes frentes e territórios; e aos professores(as) e pesquisadores(as) de dentro e de fora da academia, representados não só pelo interesse no campo de estudos das favelas, mas também inseridos na própria vivência dessa realidade, construindo seus saberes e disputando as epistemologias.

A substituição da dinâmica inicial de Grupos de Trabalho presenciais pela mobilização de coletivos através das redes sociais aumentou as interações e visibilidade do Dicionário, conseguiu alcançar novos participantes e formar novas parcerias, mas, também significou um deslocamento do poder para dentro da equipe de pesquisadores do Dicionário. Tal deslocamento foi sentido pelo Conselho Editorial, em cujas reuniões periódicas eram apresentados resultados do trabalho da equipe, mas que não deixava um espaço para maior participação dos membros do Conselho nessa forma de atuação.

3. Coronavírus nas favelas: o Dicionário ultrapassa a plataforma

Como já dito anteriormente, o Dicionário de Favelas surge em um contexto de afirmação e positivação da identidade da juventude de favelas e periferias. Tal contexto

é muito marcado pelo discurso do “nós por nós” no qual lideranças e coletivos afirmam a necessidade de os moradores(as) lutarem pelos direitos da população das favelas, que incluem não só o direito à vida, mas também à voz e à memória. Grupos diversos vêm reunido esforços para tentar, então, incluir de forma cada vez mais ampla no debate público representações das favelas diferentes daquelas apresentadas pelo poder público, pela grande mídia e até mesmo por pesquisadores “de fora” que apresentam imagens desses territórios com as quais boa parte da população das favelas não se identifica. Consolida-se, assim, um movimento na busca de que a favela possa falar por si mesma.

Em 2020, com a pandemia de Covid-19, o discurso do “nós por nós” ganhou ainda mais força. Como vastamente repercutido, em março de 2020 a pandemia chegou ao Brasil e, com isso, a realidade das populações já vulnerabilizadas por diferentes políticas sofreu impactos ainda mais devastadores, que reforçam, inclusive, o racismo estrutural de nossa sociedade. Sabendo que não poderiam contar com apoio do poder público para combater o avanço da pandemia nas favelas, diversos grupos de moradores começaram muito rapidamente a se organizar para tentar lidar com efeitos da crise econômica, sanitária e social gerada pelo avanço do novo vírus. E parte importante dessa organização envolvia não só a execução propriamente dita das ações – de distribuição de alimentos, materiais de limpeza, sanitização das favelas, levantamento de dados etc. – mas também a ampla divulgação desse trabalho visando conseguir apoios e recursos internos e externos para que ele pudesse ter continuidade.

Por conta da recomendação de isolamento, essa divulgação não poderia ser realizada de forma muito ampla através de encontros face-a-face, ela precisava ocorrer, principalmente, online, através de redes e meios de comunicação virtuais já existentes. Como o Dicionário de Favelas tinha sido lançado há um ano, moradores que já conheciam o projeto começaram a demandar o uso dessa plataforma online e gratuita para divulgar suas ações, invertendo assim a direção das demandas. A partir da demanda de parceiros do projeto, foi criada, então, no WikiFavelas, uma área para mapear os impactos do novo coronavírus nas favelas e periferias do Brasil, permitindo, assim, a divulgação das ações que estavam ocorrendo nesses territórios.

A seção especial da plataforma, chamada Coronavírus nas Favelas (www.wikifavelas.com.br/coronarivirus), passou a reunir a divulgação de: 1) iniciativas e formas de apoio coletadas em todo o país; 2) fundos nacionais e internacionais para projetos de combate ao coronavírus; 3) centenas de notícias sobre a realidade do coronavírus nas favelas e periferias do Brasil; 4) materiais e audiovisuais produzidos por

e para as favelas na prevenção e comunicação comunitária; 5) análises e propostas de moradores, coletivos e intelectuais sobre a realidade de desigualdades durante a pandemia; 6) coletivos e redes em ação para enfrentamento ao coronavírus em diferentes territórios; e 7) painéis com levantamento de casos de coronavírus nas favelas.

Quadro 1 - Páginas do Dicionário para apoio ao enfrentamento do Coronavírus nas favelas.

Página	Materiais divulgados	Link
Como ajudar as favelas em tempos de coronavírus	Mais de 200 iniciativas de apoio de todo o Brasil	https://bit.ly/2XaqdjV
Fundos para projetos de combate ao coronavírus nas favelas	13 fundos nacionais e internacionais	https://bit.ly/34VjNYq
Notícias sobre coronavírus nas favelas	554 notícias da grande mídia e da mídia comunitária	https://bit.ly/3jXITgs
Materiais e audiovisuais sobre coronavírus produzidos pela e para favelas	80 cards informativos, relatos e comunitários	https://bit.ly/30gqEee
Análises e propostas sobre a realidade do coronavírus nas favelas	114 artigos de opinião, pesquisas, entrevistas e documentos	https://bit.ly/3hZEI7D
Coletivos em ação contra o coronavírus	24 coletivos e frentes de combate ao coronavírus	https://bit.ly/33f5hMg
Painéis sobre coronavírus nas favelas	9 painéis de levantamento e monitoramento de casos	https://bit.ly/33f5hMg

Através de articulações com parceiros, passamos nessas seções a dar destaque a coletivos como a Frente de Mobilização da Maré, a Frente Cidade de Deus Contra a Covid-19, o Coletivo Favelas contra o Coronavírus, o Coletivo Fala Akari, o Coletivo A Rocinha Resiste, o Coletivo Babilônia Utopia, o Coletivo Favela Vertical, o Coletivo CoronaTrack Santa Marta, o Gabinete de Crise do Alemão, o Gabinete de Crise da Vila Kennedy, o Grupo ECO e o SOS Providência, por exemplo – alguns com páginas também em inglês. Além disso, também nos dedicamos a dar visibilidade às diferentes tecnologias e estratégias que moradores e moradoras têm mobilizado para conter o avanço da pandemia em seus territórios, como as estratégias de sanitização realizadas pela Santa Marta e pela Babilônia, por exemplo.

Nesse novo contexto, novos desafios emergiram para a construção do Dicionário de Favelas frente à sua proposta de construção de um instrumento que possa colaborar com a ampliação das vozes de favelados e faveladas. Com a pandemia e a necessidade de se comunicar as ações de enfrentamento ao coronavírus, os grupos passaram a utilizar o

Dicionário como espaço de divulgação das suas ações. Isso aconteceu de três formas. Primeiramente, a equipe do Dicionário passou a mapear e inserir nas páginas informações (sobre como ajudar os moradores, notícias produzidas pela imprensa comercial e pelas mídias comunitárias, materiais informativos confeccionados pelos coletivos, tais como manifestos, propostas e planos de ação, painéis com dados de incidência e mortalidade). Posteriormente, os grupos de favelas passaram a sugerir a inclusão de suas ações no Dicionário. E, por fim, alguns grupos passaram a criar e editar páginas do Dicionário diretamente. Assim, começamos a notar uma mudança significativa na forma como os grupos de favela passaram a interagir com o Dicionário de forma muito mais ativa, apresentando demandas ao invés de, simplesmente, responder às demandas apresentadas pela equipe como costumava ocorrer com mais frequência antes da pandemia.

O Dicionário passou a ser usado de forma mais intensa também na articulação entre diferentes grupos de favelas e acadêmicos. Uma articulação feita entre lideranças do Complexo do Alemão, Cidade de Deus, Complexo da Maré, Rocinha, Santa Marta, e pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro, PUC-Rio e Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em diálogo com a FIOCRUZ, resultou, por exemplo, em um plano de ações para o enfrentamento da Covid-19 com foco nas especificidades das favelas. Posteriormente, o mesmo grupo, sob a condução do Observatório das Metrópoles, em parceria com Dicionário de Favelas Marielle Franco, reuniu dados sobre os impactos da pandemia nas favelas e periferias do Rio de Janeiro, promovendo um levantamento por meio de um questionário online, cujas informações coletadas servem de base para ações de incidência política e de defesa dos direitos humanos, em parceria com a Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro⁵.

Além disso, o Dicionário passou a promover atividades e encontros para além da plataforma. A partir de uma parceria com o Urbano – Laboratório de Estudos do Urbano e a Universidade da Cidadania, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), organizamos a série de *lives* “Favelas, pandemias e cidadanias”⁶. Ao longo da série, em encontros virtuais transmitidos pelo Youtube e Facebook, mais de 20 moradores de favelas compartilham suas experiências de comunicação comunitária e de enfrentamento à pandemia em seus territórios. Em dez semanas foram realizados debates sobre os seguintes temas: 1) Vidas negras e faveladas importam; 2) Moradia e Saúde Pública; 3)

⁵ Os resultados desse levantamento estão disponíveis no Dicionário www.wikifavelas.com.br/Resultados_-_Covid-19_nas_favelas

⁶ Disponível em www.wikifavelas.com.br/Favelas_pandemias_e_cidadanias_lives

Trabalho e ganhos de vida; 4) Pesquisa e comunicação comunitária; 5) Gênero, sexualidade e política; 6) Cultura na periferia; 7) Associativismo em favelas; 8) Memórias e museus em favelas; 9) Juventudes em favelas; 10) Painéis Covid 19 nas favelas. Todo esse material gravado compõe um acervo único de depoimentos e posicionamentos políticos sobre como a pandemia afeta a vivência nas favelas que está disponível ao público no Dicionário e que futuramente será analisado por nossa equipe.

Com o envolvimento dos membros do Conselho Editorial como debatedores nas *lives*, em função de seu amplo conhecimento dos temas discutidos, foi sendo naturalmente superada a questão colocada anteriormente sobre a falta de um papel definido para os membros do Conselho na dinâmica de trabalho do Dicionário. A proposta era criar um espaço de interlocução e troca no qual moradores e moradoras pudessem narrar livremente suas experiências ao longo da pandemia. No entanto, não temos como negar os limites dessa liberdade, uma vez que os temas das *lives*, assim como nomes dos convidados, eram escolhidos pela equipe do Dicionário e das sugestões dos conselheiros. Logo, embora moradores(as) pudessem falar da forma que quisessem, a equipe de pesquisadores escolhia quem seria convidado a falar naquele espaço e qual seria o tema geral debatido. Apesar disso, a grande experiência das lideranças das favelas e sua capacidade de expressão de seus pontos de vista também contribuíram para transcender as limitações impostas pelo formato dos encontros.

Adicionalmente, foi feito um esforço para, por um lado, trazer mais pessoas para visitarem Dicionário e, por outro, levar parte do conteúdo produzido por moradores para além da plataforma, investindo na área de comunicação e intensificando nossa presença nas redes sociais. Incluímos na nossa equipe profissional da área de comunicação não só como estratégia de divulgação dos conteúdos produzidos pelos colaboradores(as) na plataforma, mas, neste momento, como forma de amplificar o alcance das iniciativas e formas de organização e apoio de diversos coletivos parceiros no enfrentamento à pandemia nas favelas e periferias.

A página do Facebook, nossa principal rede até o momento, tem alcançado, até setembro, cerca de 7.500 pessoas, do Rio de Janeiro, de Minas Gerais, da Bahia e do Ceará, por exemplo, que têm, principalmente, acessado à página “Coronavírus nas Favelas” em nossa plataforma. Como forma de melhor divulgação das iniciativas de apoio e redes de solidariedade das favelas e periferias durante a pandemia, foi produzido um

mapa⁷ da região metropolitana do Rio de Janeiro, que chegou a alcançar quase 30 mil usuários, gerando retornos em doações para diferentes coletivos e grupos.

Além do Facebook, ativamos também a conta no Instagram, que, hoje, atinge cerca de 1 mil usuários. Para maior aproximação com nossos apoiadores e parceiros, criamos uma lista de transmissão pelo WhatsApp, onde mantemos a comunicação com nossos parceiros e divulgamos chamadas e eventos relacionados.

A demanda por participação em eventos com instituições que estão também engajadas no mapeamento de ações de enfrentamento ao Coronavírus nas favelas e periferias, assim como na produção unificada de dados sobre a incidência de casos e óbitos subnotificados nas estatísticas oficiais, tem demonstrado que a atuação nas redes sociais pode fortalecer o engajamento dos moradores(as) e coletivos, ampliando o alcance do Dicionário de Favelas e também nacionalizando a construção coletiva deste projeto, que tem como origem o próprio ambiente virtual.

No entanto, percebe-se uma normalização da situação da pandemia em geral e nas favelas e periferias em particular, até mesmo com o declínio de notícias na mídia comercial e de acessos da seção no Dicionário, além da redução significativa dos apoios que os coletivos vinham recebendo. O início da pandemia colocou toda a sociedade em uma situação de vulnerabilidade que habitualmente é atribuída apenas aos pobres, criando uma situação de empatia e solidariedade interclasses. A igualação diante do risco de contaminação e da morte em meio a diferentes vulnerabilidades propiciou a visibilidade alcançada pelas ações de moradores, omissões do poder público e necessidade de apoios. Com a normalização, no entanto, esse efeito vai se diluindo e o distanciamento social entre moradores do asfalto e da favela vai se impondo progressivamente.

CONCLUSÃO

A construção do Dicionário de Favelas Marielle Franco além de coletiva é, por definição, inconclusa. Ela depende do desenho do projeto, cujas bases teóricas e materiais foram sendo elaboradas e materializadas ao longo dessa trajetória, dos encontros e desencontros entre princípios igualitários e horizontalizados em uma sociedade onde imperam regras rígidas de hierarquização e exclusão. Esta tensão é permanente e nos leva a enfrentar as contradições impostas de forma a criar espaços dialógicos, fundados em

⁷ Cf. Dicionário de Favelas Marielle Franco. Como ajudar as favelas em tempos de coronavírus. Disponível em: <https://bit.ly/2XaqdjV>.

uma ética da “*otredade*”, ou seja, no reconhecimento de que a comunicação se dá entre os diferentes, iguados politicamente na condição de respeitabilidade.

Compreendemos o Dicionário de Favelas como uma mediação entre aquilo que o exercício da dominação separa para exercer o seu poder. Portanto, mesmo sendo um instrumento da tecnologia da informação, seu uso é político e pode permitir aproximações e estranhamentos, coalizões e confrontos. Da mesma forma, compreendemos que as ações dos coletivos das favelas que se inscrevem tanto no enfrentamento da pandemia como na produção cultural são potencialmente políticas, porque implicam a ruptura com o lugar do silêncio que lhes foi reservado.

A sustentabilidade das nossas ações em um contexto nacional de franca regressão democrática encontra-se permanentemente ameaçada, ainda que a capacidade de insurgência não possa ser fabricada nem eliminada por meio do exercício do poder político. As interações que o Dicionário de Favelas Marielle Franco propiciou até agora fazer parte de um processo de decolonização que também é coletivo e inacabado.

Referências

GONZALEZ, Lélia, **Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**, 2018 *apud* ARAUJO, Barbara, Lélia Gonzalez, intérprete do capitalismo brasileiro. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2020/09/lelia-gonzalez-interprete-do-capitalismo-brasileiro/>. Acesso em 24 de outubro de 2020.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11 Ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

D’ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia Letra e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

ESTEVES, Bernardo; CUKIERMAN, Henrique. A controvérsia sobre as causas do aquecimento global em 15 artigos da Wikipédia lusófona. **SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA**, v. 13, 2012.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. 2ª. Ed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

- FLEURY, Sonia. Democracia e socialismo: o lugar do sujeito. In.: FLEURY, Sonia; LOBATO, Lenaura (Org.). **Participação, democracia e saúde**. Rio de Janeiro: Cebes, p. 24-46, 2009.
- FLEURY, Sonia. Militarização do social como estratégia de integração: o caso da UPP do Santa Marta. **Sociologias [online]**. 2012, v.14, n.30, pp.194-222.
- FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. Curso dado no Collège de France (1978 - 1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GALINDO, María. **No se puede descolonizar sin despatriarcalizar**. Teoría y propuesta de la despatriarcalización. Bolívia: Mujeres Creando, 2013.
- GOMES, Nilma. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. Editora Almedina: Coimbra, 2009, p. 419-442.
- HOLSTON, James. **Cidadania Insurgente: disjunções da democracia e da modernidade no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.
- LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonía y estrategia socialista**. Madrid, España, 1987.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Editora Antígona, 2014
- QUEIROZ, Marcio, **A sociologia militante de Guerreiro Ramos**. Disponível em <https://jacobin.com.br/2020/09/a-sociologia-militante-de-guerreiro-ramos/>. Acesso em 24 de outubro de 2020.
- QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, p. 117-142, 2005.
- SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014.
- SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. Editora Almedina: Coimbra, 2009, p. 23-72.
- SARTRE, Jean-Paul. Prefacio de Jean-Paul Sartre, In: FANON, Frantz, **Os Condenados da Terra**, Lisboa – Portugal: Editora ULISSEIA, 1961, 3-28.
- YOUNG, Marion. Comunicação e o Outro: além da democracia deliberativa. In.: SOUZA, Jessé. **Democracia hoje**: novos desafios para a teoria democrática contemporânea. Brasília: Ed. Univ. Brasília, 2001, pp. 365-386.